

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029713

Documentário sobre um longa-metragem pioneiro

O Estado 9-6-82

Da sucursal de CAMPINAS

O curta-metragem "João da Mata, um Documento", que apresenta depoimentos dos primeiros atores, diretores e fotógrafos cinematográficos brasileiros, responsáveis pela produção do filme longa-metragem "João da Mata", em 1932, está em fase final de montagem, em Campinas. O documentário, de dez minutos, é também uma severa crítica contra a falta de apoio oficial à conservação da memória do cinema nacional, conforme afirma o diretor Marcos Augusto Craveiro.

"João da Mata, um Documento" relata as dificuldades enfrentadas para a realização do que é considerado o primeiro filme brasileiro de longa-metragem, sem equipamento e técnicas eficientes e utilizando cenários improvisados. "Justamente nisso está o maior valor do trabalho", comenta Marcos Craveiro, que no início do próximo mês negociará o documentário com a Embrafilme. O curta-metragem é uma co-produção da L. C. Barreto e da Portifolio, de Campinas. O diretor de fotografia e editor é Paulo Queirós, a sonoplastia de Dimas D'Amico e as músicas especialmente compostas por Carlos Henrique Silvestre, Luis Henrique Vaqueiro e Celso Primi.

A intenção foi registrar os depoimentos do primeiro ator que o País teve trabalhando em um longa, Angelo Forti, hoje com 84 anos, e Tomás de Tullio, o primeiro cinegrafista, técnico de laboratório, editor, elaborador de letreiros e realizador de efeitos especiais.

Sem a influência dos temas americanos e europeus, "João da Mata" foi um longa-metragem com argumento tipicamente brasileiro, sobre o problema de terras, envolvendo um caipira e um coro-

nel. Até ser transformado em filme, a peça era encenada, com sucesso, na região de Campinas. Por isso, Amilar Alves e Tomás de Tullio decidiram filmá-la, utilizando técnicas rudimentares que não permitiam sequer a movimentação da única câmera em movimentos horizontais e verticais. "Assim — conta Tomas de Tullio, no documentário — tínhamos de parar uma cena e mudar a câmera de posição, mas com o auxílio de dois homens, porque o equipamento era pesado".

Outro problema técnico era o cenário, ao ar livre, pois ainda não existiam os estúdios. O cenário de pano, utilizado no teatro foi o mesmo que Amilar Alves usou no filme, que somente pôde ser rodado, então, em dias em que não houvesse vento, "pois não ficaria bem aparecer uma porta ou uma janela se curvando".

Também para os atores surgiram problemas, lembra Angelo Forti. "Quando estávamos filmando as principais cenas, eu, como 'João da Mata', teria que brigar com o 'coronel', representado por José Rodrigues, que hoje mora em Santos. A única orientação do diretor era que eu deveria vencer a briga. Só isso. Mas o 'coronel' resolveu não deixar a briga acabar facilmente. Eu nem estava totalmente preparado e ele me deu um soco no meio do nariz, com força, um soco de verdade. Parti para cima dele, dando socos também. Num determinado momento, ele pegou uma cadeira e jogou em mim. Desviei e ela acertou em um espelho de cristal francês. Espatifou tudo e o diretor precisou intervir para um não matar o outro de verdade."

Da fita não foram feitas cópias e a película se queimou em um incêndio, restando apenas menos de 10 minutos, justamente, o trecho da briga e morte do 'coronel'.



Foto Ernesto de Souza

Angelo Forti viveu, em 1932, o papel de "João da Mata"